



Comemorações do  
**70º Aniversário**  
da **Revolta dos Marinheiros**  
de 8 de Setembro 1936



No passado dia 16 de Setembro, realizaram-se no Fórum Romeu Correia, Auditório Fernando Lopes Graça em Almada as comemorações do 70º aniversário da Revolta dos Marinheiros de 8 de Setembro de 1936 cuja organização esteve a cargo do C.P.A. e da A.P.A. e contou com o apoio da C.M.A.

A realização de tal evento foi de uma enorme elevação e contou com a presença de dois dos três participantes desta revolta ainda vivos nos dias que correm. Foi então com grande naturalidade que os três Comendadores da

Ordem da Liberdade José Barata, Josué Martins Romão e Joaquim de Sousa Teixeira, foram homenageados no decorrer da sessão solene.

Convidados, tais como o deputado à Assembleia da República Dr. António Filipe em representação do grupo parlamentar do PCP, a Presidente da Câmara Municipal de Almada Dr.ª Maria Emília e as diversas Juntas de Freguesia e colectividades do Conselho de Almada que se fizeram representar, e ainda da “Jazz Kid Band” com o seu momento cultural contribuíram sem dúvida para



o engrandecimento deste evento. Aqui fica o nosso agradecimento à Colectividade do Feijó na cedência de viatura e na cedência da sua banda.

A abertura solene desta sessão comemorativa esteve a cargo do Almirante Vítor Crespo, seguiram-se as intervenções do Comendador José Barata em representação dos três Tarrafalistas ainda vivos, do CPA e da APA a cargo dos seus presidentes de Sérgio Vilarigues dirigente histórico do PCP e da Presidente da C.M. Almada. De forma a documentar para a prosperidade o relato das intervenções, transcrevemos algumas dessas passagens:

#### Almirante VÍTOR CRESPO



*A celebração do notável acto da nossa História conhecido por Revolta dos Marinheiros assume, nesta sessão solene em que estamos a participar, um carácter muito especial.*

*A homenagem aos heróicos marinheiros dos Avisos de 1ª Classe Afonso de Albuquerque e Bartolomeu Dias e do Contratorpedeiro Dão que na manhã de 8 de Setembro de 1936 se revoltaram contra o governo de então, num grito de revolta contra a tirania e a opressão, é promovida pelos seus camaradas de hoje, agrupados no Clube de Praças da Armada e na Associação de Praças da Armada.*

*Honra portanto a estas duas associações de praças da Armada por, passados 70 anos, terem querido homenagear e manter bem vivos o espírito de amor à liberdade e o sentido de dever perante a Pátria e o seu povo que cumpre aos militares, e ao terem querido exaltar os sentimentos de camaradagem e solidariedade exemplarmente demonstrados pelas praças dos três navios revoltosos nessa manhã histórica de 8 de Setembro.*

*Esta sessão assume ainda especial relevo pela presença entre nós de dois dos intervenientes nessa jornada patriótica de 8 de Setembro os sargentos José Barata e Joaquim Teixeira para quem peço que me acompanhem num vibrante aplauso de homenagem.*

*Quando, como hoje, celebramos uma revolta militar é bom que ponderemos, até para melhor as valorizar, as extremas dificuldades em que se encontram os seus autores, os problemas que se lhes põem, os riscos que correm.*

*A organização do Estado coloca as Forças Armadas na directa dependência dos órgãos de soberania, normalmente do governo, a quem cabe a definição dos objectivos nacionais, donde são deduzidas as missões das Forças Armadas. É por isso estranho às Forças Armadas, é-lhes mesmo vedado em praticamente todos os sistemas constitucionais, a apreciação dos objectivos nacionais. Mas, a legitimidade das missões das Forças Armadas depende da legitimidade dos objectivos nacionais, e, nem os militares, nem a Instituição Militar, têm competência para os apreciar porque, para tal, é necessário apreciar a acção dos próprios órgãos de soberania. E ninguém, pessoa ou organização, tem legitimidade democrática para se substituir ao povo nessa apreciação.*

*Este impasse de legitimidade só pode ser ultrapassado pela certeza, larga e longamente demonstrada, nomeadamente por acções populares, da desconformidade da vontade nacional com os objectivos nacionais estabelecidos pelo Estado. E principalmente, pela profunda consciência de que, nessa conjuntura, as Forças Armadas, ao serviço do Estado, mesmo que sem intervenção directa, são o principal dissuasor que permite a acção do governo contra a vontade popular: garantindo a coercibilidade das leis injustas e as acções iníquas do Estado, através de penas judiciais e do seu acatamento, as intervenções brutais das polícias, a acção dos serviços de informação, a castração das censuras, o trabalho sórdido das polícias políticas, e toda essa vasta panóplia de força contra o povo, de que tivemos larga experiência durante 48 anos.*

*E como estamos numa sessão solene promovida por associações de militares, vale ainda a pena abordarmos as insuperáveis dificuldades da rotura hierárquica associada às revoltas militares.*

### COMISSÃO DE HONRA



Sindicato dos Estabelecimentos Fabris das Forças Armadas

Comissão de Trabalhadores do Arsenal do Alfeite

### APOIO

CÂMARA MUNICIPAL DE ALMADA





## Comemorações do 70º Aniversário da Revolta

## MARINHEIROS TARRAFALISTAS

*Comendadores da Ordem da Liberdade*

JOSÉ BARATA



JOAQUIM DE SOUSA TEIXEIRA



JOSUÉ MARTINS ROMÃO



A subordinação hierárquica é, nas Forças Armadas, o princípio estruturante de toda a sua organização e o principal esteio do seu funcionamento. Para além das gravíssimas questões morais e institucionais que a rotura hierárquica levanta, há que salientar ainda as implicações que um quadro anómalo ao da organização militar provocam na acção. A superação da rotura hierárquica só encontrará resposta na certeza de que a acção que a impõe, tem natureza e imperatividade igual à da defesa contra o inimigo externo, exigindo por isso aos militares o cumprimento do seu dever primeiro, a defesa da sua pátria e do seu povo.

**Comendador JOSÉ BARATA**

Foi com muita satisfação que recebemos a notícia desta evocativa e prestante homenagem aos marinheiros revoltosos que, há 70 anos, fizeram o 8 de Setembro de 1936 e o convite para nela estarmos presentes.

Não sabemos se existem mais sobreviventes, mas de certeza, neste momento, existem três desses jovens – hoje velhos marinheiros – que participaram na revolta, que foram presos, julgados, condenados a pesadas penas e enviados para o Tarrafal – o tal campo de concentração de inspiração nazi – fascista, de triste memória ou, melhor, o “Campo da Morte Lenta”, como foi e é lembrado.

Desses três velhos marinheiros só dois nos encontramos presentes – eu, José Barata e o Joaquim de Sousa Teixeira, ambos com noventa anos, de idade e de saúde abalada. Quanto ao 3º, o Josué Martins Romão, com oitenta e oito anos, esse não pôde estar aqui porque a sua saúde, muito mais abalada, não lho permitiu.

Julgamos, no entanto, que o mais importante na referência à Revolta dos Marinheiros, que evocamos, deva ser o seu verdadeiro significado. Isto é, o que a motivou e o exemplo de luta que nos legou.

Muito adulterado esse significado, até agora, sobretudo porque a interpretação falseada do acontecimento pelo regime fascista de Salazar e propagandeada em plena liberdade fascista foi aproveitada, melhor, adoptada sem qualquer análise intelectual crítica, inquirida com honestidade e consciência pelos senhores historiadores (e não só), que passaram de chapa aos seus compêndios e livros essa falsa e deturpante razão revolucionária do 8 de

Setembro de 1936, que, pela sua repercussão política nacional e internacional, apesar da derrota sofrida, conquistou o direito a um acontecimento de registo histórico obrigatório.

Claro que Salazar não tinha razão para ter medo da Revolta dos Marinheiros. O seu poder, por essa altura, era imenso e consolidava-se. Mesmo assim, assustou-se...

E para contrariar esta interpretação fascista sobre a Revolta – e que saibamos – só existem alguns artigos de jornais ou revistas; só aqui e ali algumas pequenas entrevistas ou homenagens como esta; só alguns trabalhos Ad Hoc, por exemplo, como tema para um mestrado, em Julho de 1996, ou para uma licenciatura em jornalismo, em 2005; podem destacar-se.

Mas isto é muito pouco, se atendermos à dimensão do espaço e das pessoas que puderam influenciar.

Porém, a maneira como o tema da Revolta foi abordado e analisado para a licenciatura de jornalismo, em 2005, é dos melhores trabalhos sobre a matéria que eu conheço. E, por isso, digno de destacar nestas minhas breves referências.

As suas conclusões são excepcionalmente honestas e absolutamente aceitáveis.

Contudo julgamos, este trabalho muito esclarecedor do que foi e como foi a Revolta não passará do âmbito do júri que o apreciará e valorizará de acordo com orientações didácticas e não como entendimentos políticos.

Repito: tudo o que atrás referimos não chega para desfazer a mentira ignominiosa que o fascismo salazarista inventou sobre a Revolta dos Marinheiros e o emporcalhado labéu que tentou colar-lhes para sempre como ladrões de navios e traidores à Pátria!

Naturalmente que, neste breve balanço de coisas positivas referidas à Revolta, seria injusto não realçar a opinião e testemunho dum Primeiro Magistrado da Nação, Dr. Jorge Sampaio, quando na sua qualidade de Presidente da República, numa das suas homenagens prestadas aos marinheiros do 8 de Setembro de 1936, em 21 de Maio de 1999, com “várias décadas de atraso” – como referiu, agraciou na pessoa de seis sobreviventes marinheiros tarrafalistas, com a Comenda da Ordem da Liberdade, o “acto heroico” por eles praticado contra a ditadura do Estado Novo. E mais, disse: “Portugal deve-lhes o reconhecimento e a fraternidade de corporizarem um dos momentos mais significativos de determinação, na luta contra essa ditadura.



# dos Marinheiros de 8 de Setembro 1936

*Camaradas da Associação e do Clube de Praças da Armada.*

*Queremos agradecer-vos a iniciativa desta homenagem. E lembrar-vos a propósito, a outra lição que a Revolta dos Marinheiros nos deixou.*

*Lutámos pela defesa dos nossos interesses de classe, espeznhados e humilhados; solidarizámo-nos, protestando de armas nas mãos, com os nossos camaradas, injustamente expulsos da Armada, e alguns entregues à PIDE de então; e, conseqüentemente, como o tínhamos feito, antes, lutámos contra o governo fascista todo poderoso, nessa data, e que era o inimigo comum de todos nós, tanto das praças da Armada como do povo português, a que nos orgulhamos de pertencer.*

*Eis, em resumo, a essência e a motivação do nosso acto revolucionário.*

*E embora o tenhamos levado a cabo com esforçado empenho e muita coragem, com muita consciência, até, do que íamos fazer, sem força bastante e só com razão, o que nos custou cinco mortos na altura da Revolta e outros cinco assassinados na prisão do Tarrafal, os revoltosos do 8 de Setembro não têm que renegar o que fizeram.*

*Todavia devem anotar o erro tático que cometeram (lutando sozinhos, isolados), porque isto é o mais importante para justificar a sua derrota.*

*Éramos só praças rasas – desde alunos até ao posto mais elevado, o de 1º marinheiro, tendo, apenas, um destes, o curso de cabo, mas ainda não promovido.*

*Portanto, não havia cabos, nem sargentos, nem oficiais, nem ligação com quaisquer outros ramos da família militar.*

*Por isso, isolados, facilmente fomos vencidos e esmagados.*

*Camaradas da A.P.A. e do C.P.A., hoje a lista dos problemas graves inter-referentes na nossa vida profissional e familiar é de monta. Tal qual a de outros ramos das F.A., cruas ainda há mais: as de outras classes profissionais diferentes como a educação, a saúde, a segurança social, a justiça, o trabalho, etc., etc.*

*Isto é, a política de direita que os sucessivos e alterantes governos têm levado a efeito, na prática afecta a vida de todos nós.*

*E é por isso que todos protestam. Contudo, se estes protestos pudessem ser feitos duma forma globalizante, já que a globalização está na ordem de dia, globalizante o mais extensível possível, de certo que a força dos que protestam seria muito maior.*

*Aliás, os pretensos “senhores do mundo” bem aprenderam a lição e vêm globalizado o melhor possível os seus interesses e a sua defesa.*

*Os nossos governantes criam imagens virtuais e querem-nos impingir-las para desfazer a imagem da vida real que nos cerca.*

*Mas como é que o podem conseguir se, por um lado, os media nos dizem e mostram a crescente e incessante miséria e outras muitas dificuldades que a atinge a maioria do nosso povo? E, por outro lado, nos dizem e mostram que nunca tão poucos arrecadaram tantos lucros de milhões de euros?*

*Creemos que não temos necessidade de fazermos cursos superiores para chegarem a elucidativas conclusões...*

*Vivemos, afinal, no meio de injustas, desumanas e flagrantes desigualdades sociais. O que não está certo.*

*Comemoramos, hoje e aqui, uma jornada de luta realizada há 70 anos e de conseqüências bem duras.*

*Infelizmente, e por aquilo que foi dito, antes, parece termos regressado à estaca 0 e a necessidade de lutarmos foi-nos imposta mais uma vez e de que maneira!?! ...*

*Quero deixar bem claro, entretanto, que apesar da minha avançada idade e de o meu estado de saúde não ser o mais propício, sentido a luta que se trata na actualidade como minha, também, porque ela diz respeito aos interesses do*

*meu viver, os militantes activos desta luta podem contar sempre comigo, mesmo assim, como um esforçado e permanente apoiante seu.*

*Para a frente e com bons escilós! – São os nossos desejos sinceros.*

## SÉRGIO VILARIGUES



*Quando da Revolta dos Marinheiros já eu tinha percorrido a penúltima etapa das prisões. Refiro-me à prisão de Angra do Heroísmo, onde existia a chamada Poterna, que, na minha opinião, era pior que a frigideira» do Tarrafal.*

*A Revolta dos Marinheiros foi um factor de entusiasmo, foi uma acção vibrantemente saudada pelos presos de Angra de Heroísmo: era a certeza de que o povo não calava, o povo lutava, a terra continuava a girar.*

*Posso dizer-vos que no Tarrafal directores e médicos eram verdadeiros criminosos. O médico, se é que era realmente médico, e digo isto porque um dia, estando ele cercado de presos que exigiam tratamento e remédios, disse para quem quis ouvir que tinha ido para o Tarrafal não para tratar de quem quer que fosse, mas para passar certidões de óbito!*

*Eu, por azar ou por sorte, fui dos primeiros a entrar no Campo de Concentração do Tarrafal. Um Campo de Concentração que foi construído para matar lá longe todos aqueles que lutavam contra a ditadura fascista de Salazar.*

*O Campo do Tarrafal era uma autêntica enxovia: sem o mínimo de condições sanitárias, onde se misturavam os porcos (que comiam o nosso sabão), as galinhas, que transportavam as mactanhas que depois se infiltravam no nosso corpo, particularmente nas unhas dos pés, e isto sem haver possibilidades de tratamento e de remédios. Pelo contrário, os remédios que a família nos enviava para o Tarrafal, parte deles eram roubados pelo médico ou pelos próprios carcereiros, que também não os possuíam e pretendiam utilizá-los em proveito próprio.*

*Quando íamos a bordo, a Companhia da GNR que nos foi guardar provisoriamente para o Tarrafal não parava de ameaçar: «ao mais pequeno pio funcionarão as mangueiras de água a ferver, assim como a metralhadora». Claro que era muita fanfarronice porque o barco ia armado em transporte de guerra e quem o comandava era um oficial e uma força de Marinha.*

*Naturalmente que o que mais me chocou no Tarrafal foi o facto de, em cerca de 48 horas, se terem somado seis cadáveres, tendo sido um marinheiro da Revolta dos Marinheiros o segundo a morrer, com pouca diferença de horas do primeiro falecimento.*

*Portanto, saudar a Revolta dos Marinheiros, saudar a homenagem que lhes está a ser prestada é um acto de justiça por parte de todos os portugueses que continuam a amar a liberdade e a democracia, e que eu acredito serem muitos, serem milhões. Naturalmente que não basta serem milhões, o número tem uma importância relativa. O que conta, o que é verdadeiramente necessário é a acção e sempre a acção, a organização e sempre a organização e ainda a organização da luta e mesmo das pequenas lutas para se chegar às grandes lutas. Pequenas lutas e grandes lutas que temos de continuar a travar contra os perigos que vislumbramos a todo o momento.*

*Para o Tarrafal chegaram a ser enviados, como elemento de intimidação, grevistas das construções navais, que não chegaram a entrar no Campo. Digo-vos com toda a ironia que também viajei muito à borla. O meu primeiro «cruzeiro» foi para Angra de Heroísmo - preso, claro está! O segundo «cruzeiro» marítimo foi para o Tarrafal – «cruzeiro» que foi bem lixado, muito mais tramado já que íamos encerrados nos porões e permanentemente sujeitos ao gozo dos guardas que vociferavam: «comunicai agora!» Mal sabiam eles que menos de meia hora depois já estávamos a comunicar com os presos dos outros porões!*

# Comemorações do 70º Aniversário da Revolta

No próprio Campo do Tarrafal também tentaram intimidar-nos, dizendo: «agora já não tendes para onde comunicar!». Só que dois dias depois já estávamos a enviar uma mensagem para Portugal, mensagem que soubemos que foi recebida.

Falar do Tarrafal não é apenas falar do Campo da Morte Lenta. Também quero aqui declarar que não sou Tarrafalista. Estive preso, isso sim, no Campo de Concentração do Tarrafal, o que é uma coisa bem diferente.

Bem, mas voltemos ao que cá nos trouxe. Fundamentalmente estamos aqui para saudar a Revolta dos Marinheiros que, como já referi no princípio, foi como uma injeção de entusiasmo que abraçou os presos de Angra de Heroísmo, prisão onde me encontrava nessa altura.

Viva a Revolta dos Marinheiros!

Vivam os camaradas que ainda estão vivos!

Estas são saudações que já não poderei desejar por muitos mais anos porque a lei da vida é inflexível. Creio que os que aqui estão são todos mais novos do que eu e para eles quero afirmar que, hoje e sempre, o que gosto mais da vida é a própria vida.

Quando me dizem estás com bom aspecto, eu respondo sempre que dessa doença nunca me queixo. Ou então quando me perguntam: como vais? A minha resposta é que tenho de ir sempre para a frente.

É com esta expressão que me dirijo a todos os marinheiros, a todos os antifascistas, a todos os que amam a liberdade e a democracia: «sempre para a frente» camaradas!

Avante todos!

Sérgio Vilarigues, dirigente histórico do PCP faleceu no passado dia 9 de Fevereiro com 92 anos. Homem que pela sua coerência, pela fidelidade a ideais assumidos desde a juventude, pela coragem espartana, simboliza bem a eterna luta do homem para acelerar o andamento da história nas condições mais difíceis.

## PRESIDENTE DA APA



A perseverança e o altruísmo, que infelizmente não contagia a todos, estiveram presente nos marinheiros que pelas suas mãos resolveram fazer justiça aos seus camaradas presos e expulsos da Marinha. Os Homens que hoje homenageamos, nunca deixando de acreditar na soberania do estado também nunca deixaram de honrar os valores morais e éticos da Sociedade, ao serviço da qual estavam então, mas por insistirem em defender a todo o custo a dignidade da condição humana foram injustamente condenados. A justiça demorou mas foi feita. Estes homens são um exemplo digno de seguir pela sua integridade e conduta cívica, o seu reconhecimento impunha-se. São Homens como estes que também nos fazem ser como somos.

Nos dias que correm, outras gerações também indignadas com abusos, prepotência e injustiças, conscientes das suas obrigações e responsabilidades cívicas, seguem os passos e os ideais de justiça, liberdade e igualdade destes homens e insistem em fazer frente a quem actue deliberadamente de forma incoerente ou irresponsável contra concidadãos ou camaradas de armas. Também agora, como antes, se denunciam as más políticas sociais e económicas que deterioram os valores da sociedade, que abalam a confiança dos cidadãos nas instituições publicas e que condenam o patriotismo, destruindo lar após lar esta grande família que são os Portugueses.

Foram as circunstâncias da evolução da civilização até aos nossos dias, que foram ditando as formas de luta dos homens e das sociedades. O recurso constante ao uso das armas ainda hoje característico dos países não democráticos, sucumbiu à força do direito de expressão, do direito de

opinião, à liberdade de pensamento. Direitos esses bem como Liberdades e Garantias que ainda hoje por força de lei assistem a todos os cidadãos nos estados de pleno direito.

Existem no entanto países, como o nosso, em que nem todos os cidadãos podem exercer livremente os seus direitos de cidadania. Estes cidadãos são os militares, que apesar de terem dado um forte impulso à implantação da Democracias nos seus países, continuam a ver os seus direitos, liberdades e garantias, negados, usurpados, limitados e sonogados, mesmo os previstos por força de lei. Alguns destes militares, tal como estes homens que hoje homenageamos, não se vergaram ao poder discricionário e arbitrário da hierarquia civil e militar e têm vindo a lutar continuamente pelos direitos dos militares. Por isso é também com uma grande revolta que vemos esses militares a serem perseguidos e punidos por desempenharem o cargo de dirigentes associativos e por, como tal, exercerem o direito de expressão, o direito de manifestação ou o direito de opinião na plenitude em defesa e em nome dos seus camaradas. Os militares não são criminosos, mesmo esses talvez tenham mais direitos. Os militares são homens e mulheres semelhantes a todos os outros da sociedade civil. Os militares são gente abnegada que está pronta a sacrificar a própria vida pelo seu semelhante e pela sua pátria.

Sr's Comendadores, o vosso alto expoente de camaradagem e altruísmo são o ânimo e a força que nos estimulará na luta pela conquista dos mesmos Direitos, Liberdades e Garantias que assistem aos nossos concidadãos. Se para tal forem precisos 70 anos, também haveremos de resistir!

Em nome de todas as Praças, muito obrigado pelo vosso inconformismo!

## PRESIDENTE DA C.M. ALMADA



Foi com a maior honra e satisfação que recebi, que a Câmara Municipal recebeu, o convite para participar nesta nobre cerimónia solene de homenagem aos Marinheiros Tarrafalistas, por ocasião do 70º Aniversário da revolta de 8 de Setembro de 1936, que nos foi dirigido pela Associação de Praças da Armada e pelo Clube de Praças da Armada.

Agradeço, agradecemos este convite, sublinhando desde logo a importância que assume para todos nós, Democratas e Antifascistas, a evocação de um gesto de resistência a um regime político ditatorial de cariz fascista que se instalou em Portugal desde meados da década de 20 do século passado.

É pois com a mais elevada honra que Almada acolhe, de novo, porque já acolheu noutros momentos, a evocação dos Marinheiros Tarrafalistas.

Almada, Concelho de luta e de progresso, Terra de gentes amantes da Liberdade e da Democracia, actor e palco, ao longo do quase meio século de ditadura, de alguns dos momentos importantes de resistência e luta pela liberdade, Almada e os Almadenses que sempre recusaram aceitar a perseguição, a prisão arbitrária, a tortura e uma guerra injustas e injustificáveis, expressando sempre o seu empenho nos valores mais altos da Liberdade, orgulha-se de hoje, 70 anos passados sobre o acto de resistência dos Marinheiros do 8 de Setembro, evocar a sua memória e, de forma sincera e sentida, prestar-lhes a devida homenagem pela coragem que revelaram na defesa dos seus princípios, da sua liberdade e da liberdade de todo o Povo Português.

Hoje a Homenagem através desta Sessão Solene, amanhã e para sempre, aqui em Almada, no Monumento à Revolta dos Marinheiros, que a Câmara Municipal vai erguer neste nosso Concelho de causas. Estamos a trabalhar, será uma realidade.



# dos Marinheiros de 8 de Setembro 1936



*A Revolta dos Marinheiros em 8 de Setembro de 1936 foi, de facto, um acto político de resistência e de coragem.*

*Esta revolta constituiu, a par de outros momentos da resistência popular ao regime, como é exemplo o 18 de Janeiro de 1934 com a resistência dos operários vidreiros à ordem de extinção dos seus sindicatos na sequência da imposição da Constituição de 1933 por Salazar, um sinal claro de que a resistência popular podia perturbar a consolidação do fascismo no nosso País.*

*O acto de resistência dos Marinheiros há 70 anos ajudou a consolidar um amplo movimento de contestação a um regime político que colaborava activamente com Hitler e Mussolini, e apoiava os fascistas espanhóis que preparavam o golpe contra a República em Espanha.*

*Na Marinha foi então desencadeada, como já aqui foi referido várias vezes, uma ampla operação de “limpeza” dirigida a todos quantos eram considerados de pouca confiança para o regime.*

*Nunca poderemos esquecer que, mais de duas centenas de marinheiros foram presos e demitidos, e mais de oito dezenas foram condenados. Que muitos, várias dezenas, integraram o primeiro contingente, que aqui também já se referiu, de mais de centena e meia de presos políticos enviados para o campo de concentração do Tarrafal, o “campo da morte lenta” como ficou gravado, e ainda está gravado, na memória de todos nós neste Portugal de Abril.*

*Todos conhecemos os relatos dramáticos, lancinantes, de muitos daqueles que foram submetidos à atrocidade das prisões fascistas, de todas as prisões fascistas, mas em particular daquela que existiu no Tarrafal. E ouvimos aqui, esta tarde, esses depoimentos. Acabámos de ouvir. São memórias vivas desse tempo que têm que continuar marcadas na nossa memória e que têm que perdurar para além de nós. E aquela mensagem escrita com o próprio sangue, que também não podemos ignorar, e que dizia “Um homem só no degredo tem um segredo profundo, nunca está só nem tem medo quem ame o homem e o mundo”. Foi Militão Ribeiro quem escreveu, todos sabemos, e é bom repetirmos, e é bom divulgarmos estes conhecimentos e estes factos.*

*Por isso, a luta daqueles homens mulheres, que com o sacrifício consciente da sua liberdade e tantas e tantas vezes da sua própria vida, lutaram sem hesitações pela liberdade de todos nós, constitui um património de inquestionável valor para o processo de construção de uma sociedade*

*livre, mais justa e mais fraterna que, desde há 32 anos, na sequência do 25 de Abril de 1974, persistimos e queremos construir no nosso País.*

*Permitam-me nesta oportunidade que me dirija, em particular, e é um privilégio fazê-lo neste momento, aos dois resistentes que estiveram presos no Tarrafal e que hoje se encontram entre nós; aos dois Marinheiros. O Vosso exemplo de luta e coragem, o vosso exemplo de seres humanos íntegros que recusaram sempre vergar-se à ditadura, mau grado a violência que fisicamente e psicologicamente os carrascos do regime fascista exerceram sobre vós caldeou, com o exemplo de tantos outros companheiros de luta, como é o Sérgio Vilarigues, daqueles tempos de opressão e obscurantismo, a construção de um caminho que nos haveria, em 25 de Abril de 1974, com os Capitães de Abril, e com os Militares de Abril, de que é exemplo o Sr. Almirante Vítor Crespo aqui presente, de conduzir à libertação do jugo da ditadura e da opressão.*

*Bem hajam, Vós e os vossos companheiros de luta, e que o Vosso exemplo de extraordinário valor para a Liberdade que hoje vivemos, perdure na vida e no conhecimento das gerações actuais e vindouras, como argamassa indestrutível da construção da sociedade pela qual tanto lutaram e sempre ambicionaram. Porque o Povo Português, e os Almadenses em particular, muito Vos devem.*

*A todos, resistentes e lutadores, e àqueles que tombaram na luta em defesa da liberdade de todo o Povo Português, quero sublinhar nesta homenagem, a gratidão que os seus actos, os seus gestos de resistência, a sua coragem e dedicação na afirmação dos valores da Liberdade nos deve merecer a todos nós, mas quero igualmente reafirmar perante todos os presentes o compromisso de prosseguirmos o nosso Projecto Autárquico que, honrando o exemplo dos que hoje homenageamos, de todos os resistentes e lutadores antifascistas, procura contribuir para a construção, em Portugal, de uma sociedade mais justa e humanista, reforçando em cada dia a identidade de Almada e o seu papel enquanto Concelho de Causas.✘*

**Bem hajam!**

**Nunca vos seremos suficientemente gratos!**

**Viva o 25 de Abril!**

**Vivam todos os Lutadores e Resistentes Antifascistas!**

# Comemorações do 70º Aniversário da Revolta



## 1936, Ano da “Revolta dos Marinheiros”

**P**ara ajudar a perceber os acontecimentos de 8 de Setembro de 1936 importa fazer uma explicitação não só da própria revolta mas também dos acontecimentos que condicionaram e provocaram essa mesma revolta destacamos a intervenção do Presidente do C.P.A.:



Explicitação esta que se baseia em documentos históricos manuscritos, com depoimentos de muitos intervenientes neste processo, que foram reunidos após o 25 de Abril, pela Comissão Executiva da Homenagem Nacional aos Marinheiros Terrafalistas da Revolta de 1936 ainda vivos, que decorreu durante o ano de 1998 e terminou a 21 de Maio de 1999 com a condecoração da Ordem da Liberdade aos 6 (seis) Terrafalistas, pelo Presidente da República de então, Dr. Jorge Sampaio, no Palácio de Belém.

A Revolta dos Marinheiros de 1936, não se dá de uma forma inopinada. Começa no ano de 1931, com base na incorporação de 400 Praças voluntárias, aos quais tinha sido exigido como habilitações mínimas a 4ª classe, a fim de fazerem face à substituição dos navios a carvão pelos navios a propulsão, tais como: Afonso de Albuquerque, Dão, Lima, Vouga, etc. Tenhamos em conta que, na altura, 90% das Praças na Marinha eram analfabetas.

Estes 400 homens incorporados, ao princípio mal aceites pelos Marinheiros mais antigos, vão gradualmente conquistando o seu lugar e integrando as organizações da classe de Praças, trazendo-lhes a mais valia da leitura e da escrita. Seguidamente grande parte desses 400 marinheiros fora tomando a iniciativa de alfabetizar os seus camaradas mais antigos.

Assim, passo agora a referir muito resumidamente, como se criaram as condições para se chegar ao 8 de Setembro de 1936.

“No final do mês de Abril de 1931, chegava à vista de Lisboa e preparava-se para entrar a barra do Tejo, o cruzador Vasco da Gama quando eclodiu uma “Revolução” (mais precisamente no dia 4 de Abril), aquela que ficaria conhecida para a História como a “Revolução da Madeira”.

Vinha o Vasco da Gama dos portos da África Ocidental Portuguesa onde permanecera aproximadamente um ano com incidência maior nos portos de Angola. Antes de demandar o porto de Lisboa, o Vasco da Gama permanecera uns três a quatro dias no porto do Funchal, o que quer dizer que o movimento eclodiu umas 48 horas depois dele ter saído desse porto.

Soube-se a bordo desse acontecimento por telegrama enviado pelo Governo que mandava o navio fazer-se de rumo à Ilha da Madeira para tomar parte nas acções a desencadear para sufocar esse movimento.

O Comandante do Vasco da Gama não cumpriu a ordem do Governo alegando não se responsabilizar pela atitude da guarnição em consequência de, estando esta separada da família havia já quase um ano, esperar vê-la dentro de horas.

A realidade, contudo, era outra. O Comandante e outros Oficiais e Sargentos tendo-se comprometido com os revoltosos, a não intervir no movimento, alegaram essa desculpa para cumprir com o compromisso tomado.

Assim, entraram a barra do Tejo onde permaneceram aproximadamente uma semana. Saíram a 12 de Abril de 1931 de Lisboa com rumo à Ilha do Faial, nos Açores, onde permaneceram algumas horas para abastecimento do navio, saindo logo com rumo à Ilha Terceira, mais concretamente, a Angra do Heroísmo, para onde fora enviado um ultimato.

Enquanto o Navio se dirigia para a Ilha Terceira e se não recebia a resposta ao ultimato, o 1º Sargento “A” convocou os artilheiros mais prestigiados para conversar com eles (na “casa-vinte”) sobre as acções que teriam de desempenhar na repressão ao movimento.

Em síntese, o 1º Sargento informou-os de que tinha instruções para atender a objecções de ordem ideológica que qualquer um pusesse no desempenho das acções de guerra para que fosse designado. O objectivo que o 1º Sargento queria atingir era saber com quantos e com quem poderia contar no caso de ser necessário tomar posição por um lado ou outro sem se comprometer.

Foi sem dificuldade que os artilheiros (Marinheiros/Praças) se aperceberam das intenções do 1º Sargento e seus mandatários.





# dos Marinheiros de 8 de Setembro 1936



Discutido o problema, depois do Sargento se ter retirado a pedido de um dos Marinheiros, à luz das informações que possuíam, resolveram não tomar qualquer posição colectiva e individual e limitar-se-ão a cumprir as ordens do Comandante. Mais ainda, esta atitude tinha em conta que quer o Comandante, quer os Oficiais, quer os Sargentos, tendo tomado o compromisso com os revoltosos de não intervir no movimento, procuravam “esconder-se” por detrás dos marinheiros para o caso do movimento fracassar. Os Marinheiros tinham chegado à conclusão que estavam a ser manobrados para servirem de “capa” a manobras menos honestas, tendo, contudo, a consciência de que as suas atitudes beneficiavam, nesse preciso momento, a ditadura. Mas não havia outra solução em face das manobras desonestas de que eram alvo. Nestas condições o cruzador Vasco da Gama interveio na repressão à chamada “Revolução da Madeira”.

Todo este problema despertou nos Marinheiros, particularmente naqueles que tiveram parte activa na repressão desta “Revolução” e se encontravam no Vasco da Gama, um sentimento de que a acção das Praças da Armada se devia fazer sentir numa forma organizada e independente, tendo em vista o futuro derrubamento da ditadura fascista.

Dado ao movimento histórico que então se vivia e tendo em conta o prestígio que os Marinheiros gozavam entre a população e a classe operária, levou a que alguns dos Marinheiros mais prestigiados do Vasco da Gama fossem contactados por operários do Arsenal da Marinha levando-os a iniciar um trabalho organizativo com vista à criação duma organização própria dentro da Armada.

Os contactos com as organizações operárias tiveram início alguns meses depois da “Revolução da Madeira”, mais precisamente em Julho de 1931.

Rapidamente chegaram à conclusão de que as organizações militares não podiam ser uma cópia das civis.

Em meados de 1932, após esse período de experiência, foi lançado a constituição duma Comissão organizadora composta por cinco elementos (um grumete, três 1.ºs Marinheiros e um Sargento) que levou a cabo a organização do movimento que viria a tomar o nome de – ORA – Organização Revolucionária da Armada. A ORA beneficiou da experiência adquirida pelo trabalho realizado anteriormente e pelo que se havia escrito sobre o assunto.

Como meio de aglutinação de todos os Marinheiros descontentes, uma das primeiras medidas da ORA foi elaborar um caderno com as principais reivindicações sentidas por todos os Praças, Sargentos e Oficiais, que foi publicado em forma de manifesto

(infelizmente e apesar de muita pesquisa, não foi possível encontrar nenhum exemplar desse manifesto).

Iniciaram também, a publicação dum Jornal a que deram o nome de “Marinheiro Vermelho”, que manteve uma saída regular até Abril de 1935.

Em Maio de 1935, a ORA sofreu um rude golpe tendo sido presos, além do secretariado, muitas dezenas de outros camaradas. O espanto de todos os Oficiais, foi o facto de todos os presos serem Praças de 1.ª Classe de Comportamento (os mais antigos com direito a medalha), e estavam colocados entre os melhores marinheiros, quando não os melhores.

Recomposta a ORA do golpe sofrido, ela viria a iniciar nova caminhada até ao dia 8 de Setembro de 1936.

A gota de água dá-se quando, em Junho de 1936, os navios foram resgatar os Portugueses da Guerra Civil Espanhola. Ao chegarem a Lisboa, 17 Praças da Armada foram expulsos e presos, porque se recusavam a sair de licença nos Portos denominados pelo Regime Franquista, dado ser proibido sair de licença nos Portos dominados pelo regime democrático Espanhol.

Assim, toda a revolta do 8 de Setembro de 1936 (quando alguns Navios se deslocaram para o Rio Tejo e se colocaram fundeados em frente ao Terreiro do Paço), destinava-se exclusivamente a que os 17 camaradas expulsos fossem reintegrados na Armada, apenas isto, e nunca de se irem juntar ao Governo democrático Espanhol como foram propagandisticamente acusados.

Implicados na Revolta de 8 de Setembro de 1936 estiveram 208 Marinheiros dos quais: 116 foram despronunciados, 10 foram absolvidos, e 82 foram condenados. Estes últimos foram separados em dois grupos, um primeiro composto por 48 presos que foram encaminhados para o Forte de Angra do Heroísmo e um segundo grupo composto por 34 presos que foram deportados para as Instalações de Presídio e Reclusão do Tarrafal juntamente com diversos presos políticos, em Outubro de 1936.

Não é lícito esconder que esses homens então jovens deram tudo sem nada pedirem em troca, tinham aspirações justas e méritos para atingir, tinham todas as condições para vencer honestamente e bem servir.

Respeitar os seus sacrifícios altruístas mesmo quando não se esteja de acordo com as suas ideias é um dever de todos os Marinheiros e democráticas deste País.”

Antes de terminar a APA agradece ao Museu de Marinha a cedência das fotos inéditas sem as quais não seria possível documentar tão fielmente este momento histórico. ❌

